



ACELERADORAS

A l i n h a m e n t o C o n c e i t u a l

Clarissa da Silva Flôr, Clarissa Stefani Teixeira



**ACELERADORAS:
ALINHAMENTO CONCEITUAL**

Organizadores

Clarissa da Silva Flôr
Clarissa Stefani Teixeira

Autores

Clarissa da Silva Flôr
Clarissa Stefani Teixeira

Design e edição

Mariana Barardi

Florianópolis, primeira edição, 2016

F632a

Aceleradoras: Alinhamento conceitual. [Recurso eletrônico] / Clarissa Da Silva Flor; Clarissa Stefani Teixeira. – Florianópolis: Perse, 23p.: il. 2016
1 e-book

Disponível em: < <http://via.ufsc.br/> >
ISBN 978-85- 464-0324- 0

1. Aceleradoras. 2. Ambientes de inovação. 3. Habitats de inovação. I. Teixeira. Clarissa Stefani II. Flor. Clarissa da Silva. III. Via Estação do conhecimento. IV. Título.

CDU: 659.2



Esta licença permite a redistribuição, comercial e não comercial, desde que o trabalho seja distribuído inalterado e no seu todo, E book

Ficha catalográfica elaborada por: Milena Maredmi Correa Teixeira
- CRB-SC 14/1477

www.via.ufsc.br

CONTEXTUALIZAÇÃO INICIAL

Ao longo das últimas décadas, uma ampla variedade de mecanismos de apoio ao empreendedorismo está sendo incentivada. Não apenas em países de primeiro mundo, como Estados Unidos, mas diversos países, inclusive o

Brasil, introduzem **ambientes de inovação** para dar suporte a empreendedores existentes e empreendedores nascentes. Neste contexto, a **tríplice hélice** (governos, universidades e iniciativa privada) apresenta estratégias

ligadas aos processos de fortalecimento de empresas. Muitas destas iniciativas estão sendo realizadas para acelerar a criação de empresas de sucesso e mais recentemente para potencializar o alto crescimento de startups.



Repetível = entregar o mesmo produto em uma escala potencialmente ilimitada sem muitas customizações ou adaptações para diferentes clientes

Escalável = possibilidade de crescer sem influenciar o modelo de negócio

Startup é iniciativa humana, projetada para criar novos produtos e serviços, com modelo de negócios

repetível e escalável

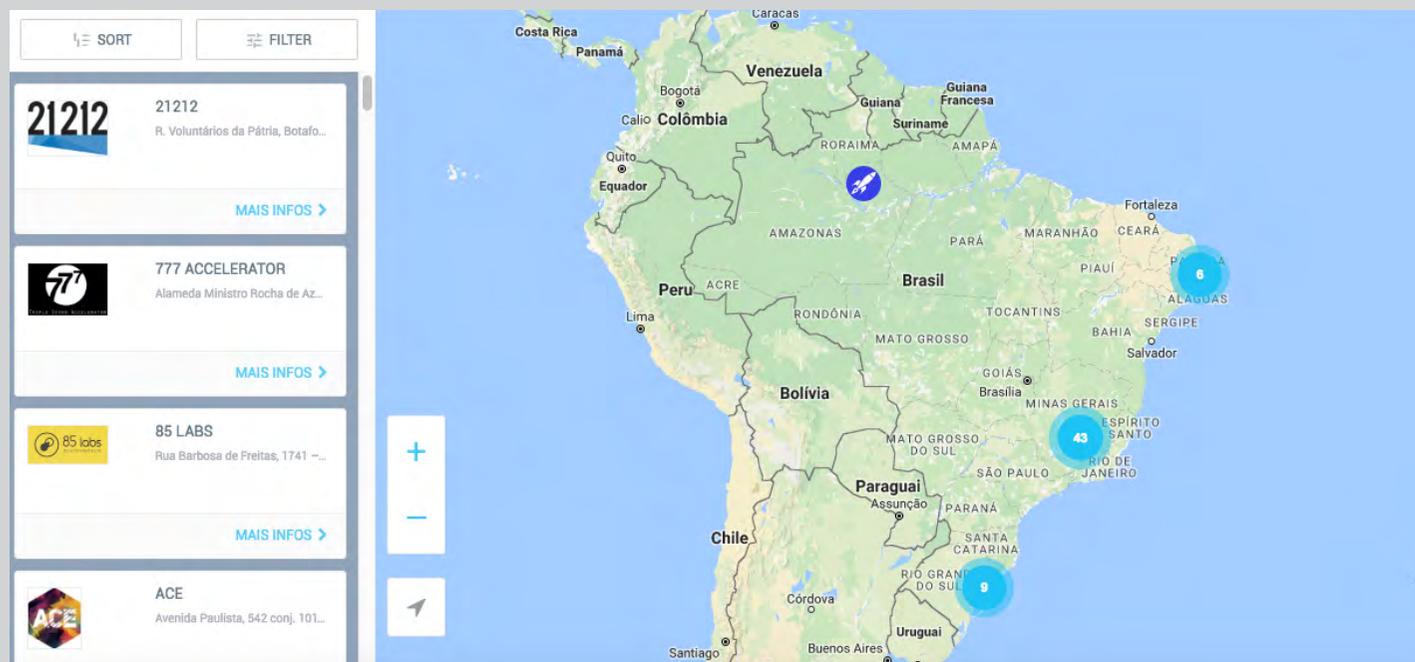
mesmo em ambientes de extrema incerteza

(RIES, 2012; BLANK; DORF, 2014).

Dentre os habitats de inovação com alta incidência no mundo estão os parques (ADÁN, 2012), as incubadoras (BERGEK; NORRMAN, 2008; MIAN, LAMINE, FAYOLLE, 2016) e mais recentemente as aceleradoras (FLÔR et al., 2016). A proliferação das aceleradoras

é indicada por autores como Birdsall et al. (2013), Cohen (2014) e Hochberg (2015). Segundo Cohen (2014) e Hochberg (2015) as estimativas do elevado número de aceleradoras varia entre 300 a 3000 considerando todos os continentes. Entretanto, a imprecisão

dos dados é retratada por Cohen (2014). Especificamente no Brasil, informações sobre o número de aceleradoras foram disponibilizadas recentemente por Flôr et al (2016) que quantificou **62 aceleradoras nas diversas regiões do Brasil**.



Conheça as aceleradoras do Brasil. <https://mapme.com/habitats-de-inovacao-no-mundo>

Os habitats de inovação são espaços diferenciados, propícios para que as inovações ocorram, pois são locus de compartilhamento de informações e conhecimento, formando networking, e permitem minimizar os riscos e maximizar os resultados associados aos negócios. O habitat de inovação permite a integração da tríplice hélice e procura unir talento, tecnologia, capital e conhecimento para alavancar o potencial empreendedor e inovador.

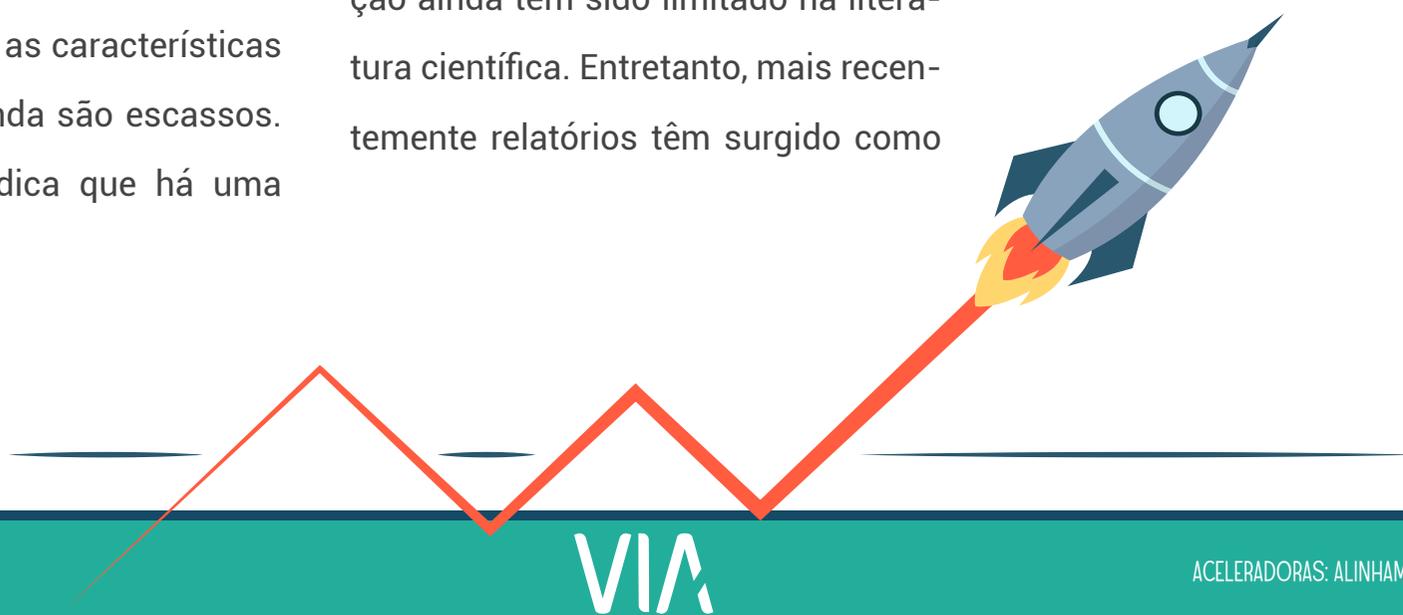


Mesmo que as aceleradoras venham desempenhando papel importante no estímulo do empreendedorismo e na consolidação de importantes startups (PAUWELS et al, 2016), por ser um movimento ainda considerado recente não existem dados suficientes para avaliar o futuro das aceleradoras. Birdsall et al. (2013) contextualizam que embora existam muitos cases de sucesso em diversos países e diferentes regiões o conhecimento sobre as características das aceleradoras ainda são escassos. Hochberg (2015) indica que há uma

ausência geral de informações que represente em larga escala os dados de aceleradoras contemplando uma visão profunda mundial.

Pauwels et al (2016) chamam a atenção para a necessidade de novas análises com foco nos programas de aceleração e seus impactos. Hochberg (2015) considera que a investigação sobre o papel e a eficácia da aceleração ainda tem sido limitado na literatura científica. Entretanto, mais recentemente relatórios têm surgido como

forma de preencher as lacunas de conhecimento. Desta forma, este documento apresenta um alinhamento conceitual, os dados disponíveis sobre as aceleradoras e os principais estudos realizados com a temática de aceleração. Além disso, o processo de aceleração é retratado a partir dos estudos disponibilizados pela literatura e das práticas observadas em âmbito nacional e internacional.



O CONCEITO DE ACELERADORA

Uma aceleradora é uma organização que visa acelerar a criação de novas empresas, fornecendo educação e orientação para empreendimentos durante um período limitado de tempo (COHEN; HOCHBERG, 2014). Para Miller e Bound (2011) e Cohen e Hochberg (2014) as aceleradoras são organizações que visam acelerar o sucesso dos empreendimentos. Cohen (2013) e Cohen e Hochberg (2014) consideram que as aceleradoras vão impulsionar as startups para rapidamente enfrentar as realidades do mundo dos negócios e determinar se o empreendimento é realmente viável.

“Os principais impactos esperados com a atuação das aceleradoras são a taxa de sobrevivência e a taxa de sucesso, medidas pelo valor dos investimentos alocados nos negócios e pelo crescimento das receitas e dos lucros das aceleradas”.

Limeira (2014)

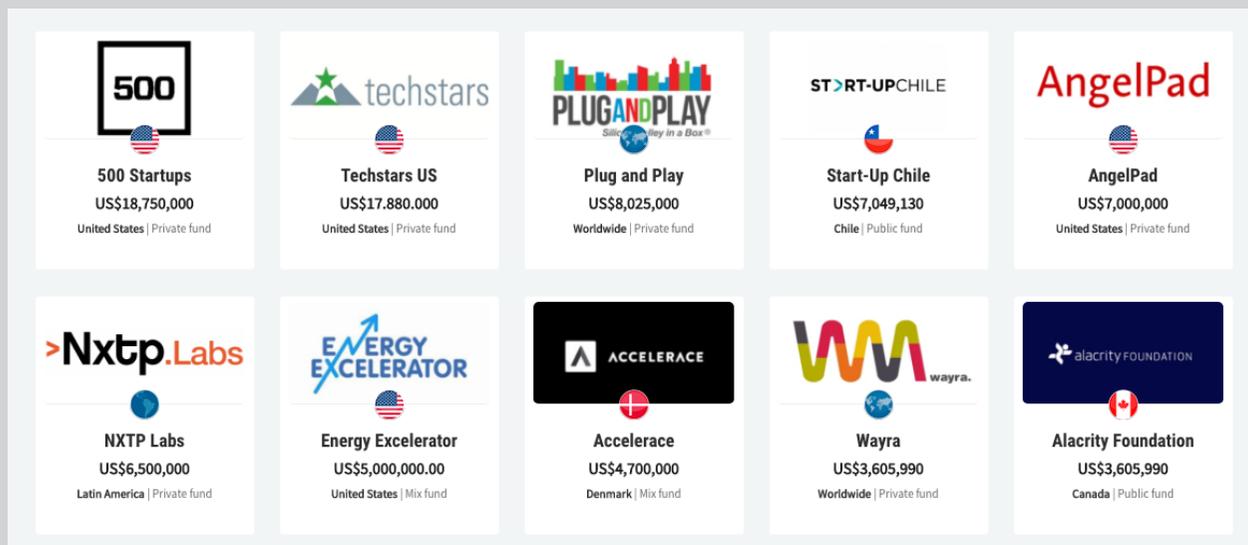
Recentemente, a Fundacity e a Gust disponibilizaram um relatório (GLOBAL ACCELERATOR REPORT 2015, 2016) com dados sobre as **aceleradoras do mundo**. Pela falta de consenso na definição do termo aceleração o relatório se embasa no estudo de Miller e Bound (2011) que define o conceito de aceleradora como tendo cinco recursos chaves:

- o processo de aplicação para a aceleração é disponível a todos, mas este processo pode ser considerado altamente competitivo,
- a disponibilização de investimentos geralmente é feita pela participação acionária dos investidores,
- o foco das aceleradoras está principalmente em pequenas equipes e não em fundadores individuais,
- o apoio das aceleradoras para as *startups* é realizada por tempo limitado e combina eventos programados e mentorias realizadas de forma intensiva,
- o foco das aceleradoras é em *startups* e não em empresas individuais.

Aceleradoras do mundo

Conheça as 10 principais aceleradoras do mundo segundo os dados da Global Accelerator Report-2015 (2016).

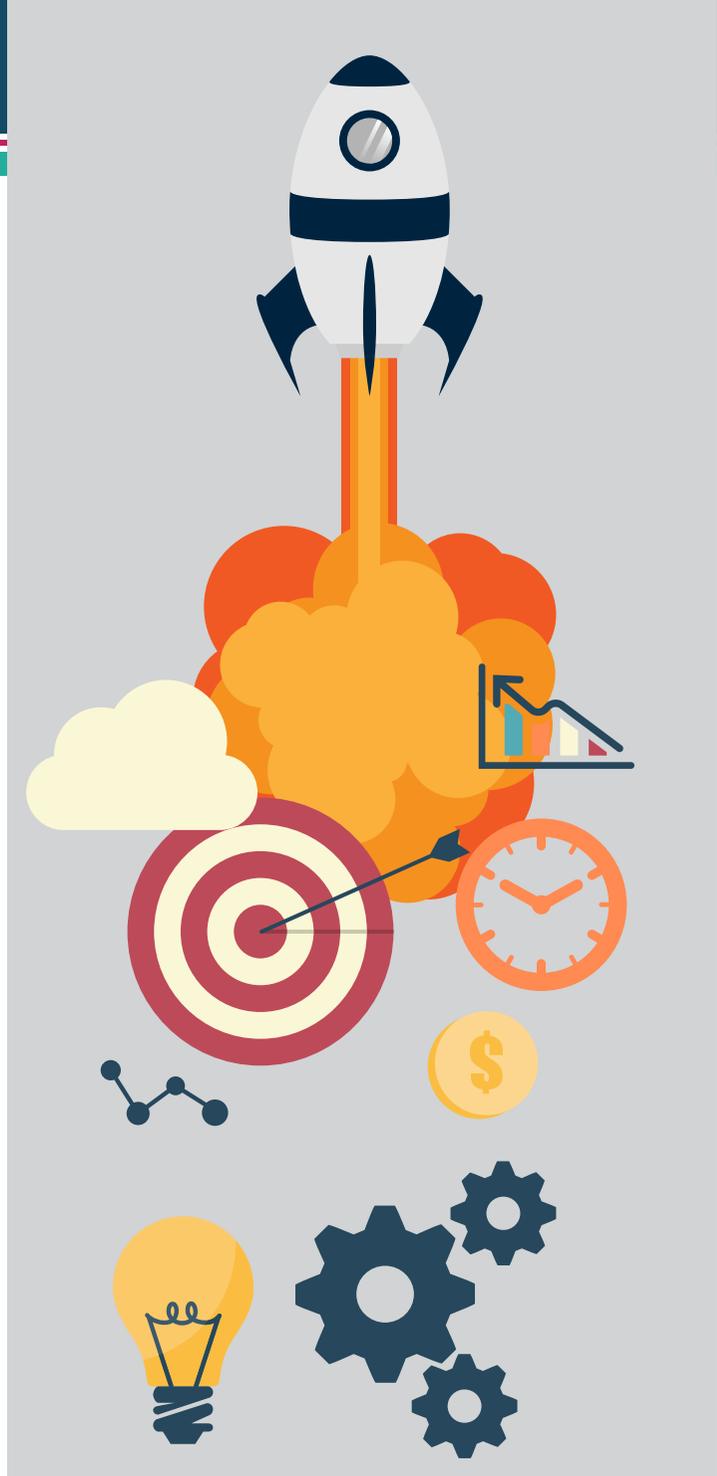
Disponível em: <http://gust.com/global-accelerator-report-2015/>



Uma aceleradora vai além dos espaços de trabalho, e também pode oferecer uma infinidade de oportunidades de networking, com empresários de sucesso, egressos do programa, capitalistas de risco, investidores anjo, ou mesmo corporativos executivos (COHEN, 2013). Também inclui serviços intangíveis, como mentoria, capacitação e aporte financeiro (ISABELLE, 2013).

Tanto o conceito de aceleradora, dentre as diferentes tipologias de habitats de inovação que vem sendo discutidas, quanto as práticas com startups é recente. Autores como Bruneel et al. (2012) indicam que as aceleradoras emergiram em meados de 2000 como

uma resposta as deficiências dos modelos anteriores geração de incubação, que eram focadas principalmente no fornecimento de espaço de escritório e de serviços de apoio. Diferentemente de outros habitats de inovação, como por exemplo, os Parques (SANZ, 1998) e incubadoras que datam da década de 50 (SILVA; VELOSO, 2013), Cohen (2014) indica que a primeira aceleradora Y Combinator, foi fundada por Paul Graham em 2005, em Cambridge - Massachusetts, e logo se mudou e se estabeleceu no Silicon Valley – Estados Unidos.





Tipologias:

Segundo Teixeira et al. (2016) muitas são as tipologias e definições encontradas na literatura considerando os habitats de inovação. Entretanto, dentre as principais tipologias podem ser citadas: Cidades Intensivas em Conhecimento | Cidades Inteligentes, Parques (Parques Científicos, Parques Tecnológicos, Parques Científicos e Tecnológicos, Parques de Inovação e Parques de Pesquisa), Centros de Inovação, Pré-incubadoras, Incubadoras, Aceleradoras, Coworking e Markespace. Segundo os mesmos autores, há também os Núcleos de Inovação Tecnológica que são regulamentados pela Lei nº 13.243, de 11 de Janeiro de 2016, e buscam realizar a interação universidade-empresa e gerir a política de inovação (BRASIL, 2016). Para maiores informações acesse: <<http://via.ufsc.br/ebook-habitats-de-inovacao/>>

Ponto importante de salientar, se associa a que a aceleradora não é projetada para oferecer recursos físicos ou serviços de apoio de escritório durante um longo período de tempo, como os processos de incubação. Cohen (2013) indica que as aceleradoras ajudam empreendimentos a definir e construir

seus produtos iniciais, identificar segmentos de clientes promissores, e recursos seguros, incluindo o capital e os empregados. Entre os serviços prestados pelas aceleradoras brasileiras, encontram-se principalmente mentoria, capacitação, aporte financeiro e networking.

Feldman e Zoller (2012) chamam a atenção para o capital social envolvido nos processos de aceleração. **Os programas realizados pelas aceleradoras cultivam uma rede de valor de mentores e investidores que trazem o suporte e tornam possível o crescimento das empresas ao longo dos programas de aceleração.**



OS DADOS DAS ACELERADORAS

Hochberg (2015) considera que a proliferação das aceleradoras é claramente evidente em todas as partes do mundo. O Global Accelerator Report-2015 (2016) mostrou a evolução do número das aceleradoras de 2001 a 2015. En-

tretanto, mesmo com as afirmações de que a primeira aceleradora seja de 2005, os dados do relatório indicam presença de aceleradoras desde 2001, principalmente nos Estados Unidos –

Canadá e Europa. No entanto, o relatório não indica quais são estas aceleradoras. A Figura 1 ilustra a evolução do número de aceleradoras considerando as diferentes regiões do mundo.

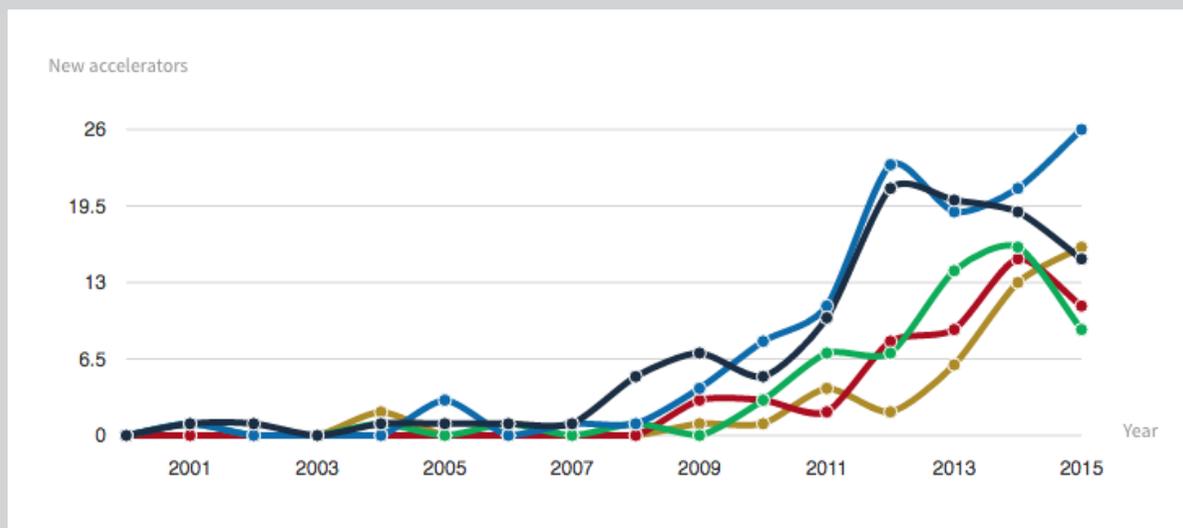
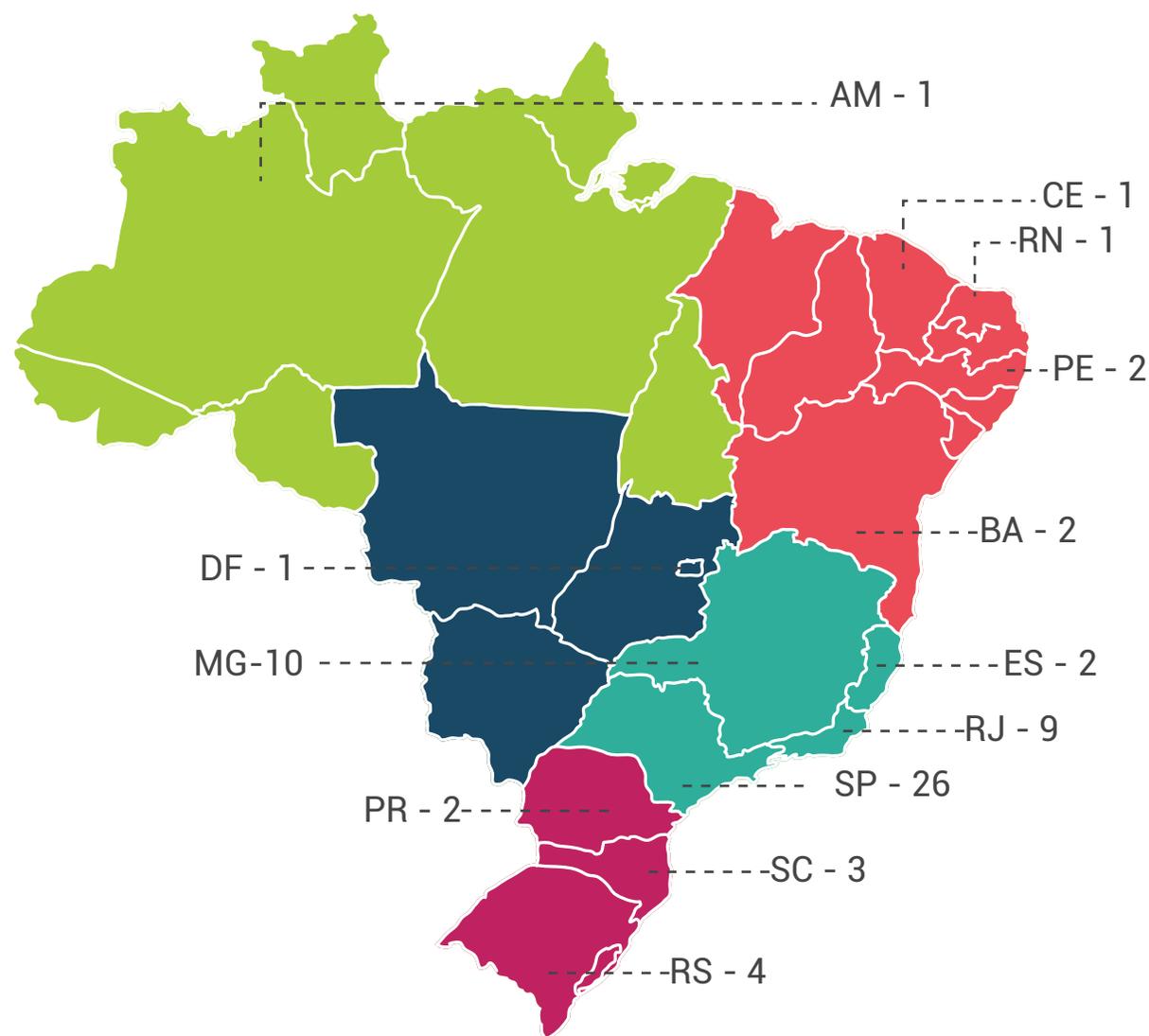


Figura 1
Evolução do número de aceleradoras no mundo. Disponível em: <<http://gust.com/global-accelerator-report-2015/>>.

No Brasil, Flôr et al. (2016) indica a presença de aceleradoras nas diferentes regiões, conforme ilustra a Figura 1. Entretanto, a evolução no tempo não foi possível de ser identificadas visto que muitas aceleradoras não indicam o ano do início de suas atividades.

As diferentes regiões de um país indicam diferentes realidades, possibilidades, potencialidades e necessidades. De maneira geral, para Hwang e Horowitz (2012) o sucesso do Silicon Valley foi justamente à sabedoria em unir os ingredientes existentes no ecossistema. E hoje, os Estados Unidos aparece com os principais dados tanto em startups aceleradas quanto em quantidade de investimentos realizados (GLOBAL ACCELERATOR REPORT-2015, 2016).



Em âmbito brasileiro, São Paulo, segundo Flôr et al. (2016), aparece com o maior número de aceleradoras no Brasil. Indo ao encontro das informações de Hwang e Horowitz (2012), São Paulo aparece nos melhores índices considerando as melhores cidades para se empreender, conforme índice da Endeavor (ENDEAVOR, 2015). No ranking Conected Smart Cities São Paulo aparece como a cidade mais inovadora (CONNECTED SMART CITIES, 2016). Assim, evidencia-se que o ambiente para o empreendedorismo e inovação é favorável o que reflete nos dados que indica que o município apresenta os melhores índices quanto ao número de aceleradoras (FLÔR, et al., 2016).

Além disso, Fehder e Hochberg (2014) consideram que as aceleradoras podem ser mais propensas de serem fundadas em regiões que têm níveis mais elevados de atividade de empreendedorismo. Considerando a maturidade do ecossistema das startups brasileiras, o SEBRAE-SC¹ indica os diferentes níveis de maturidade e colocam Rio de Janeiro e São Paulo como estando como ecossistema sustentável de empreendedores digitais.

O ranking do Global Startup Ecosystem² (2015) contextualiza que São Paulo apresenta histórias de sucesso recentes,

1 SEBRAE-SC. Disponível em: <<http://pt.slideshare.net/alexsozuanet/a-comunidade-de-startups>>. Acesso em: 26 de jun de 2016.

2 Global Startup Ecosystem. Disponível em: <http://www.businesslocationcenter.de/imperia/md/blc/service/download/content/the_global_startup_ecosystem_report_2015.pdf>. Acesso em: 26 de jun de 2016.

como Dafiti, Netshoes, e EasyTaxi e pode ter inspirado mais talento para reconsiderar o empreendedorismo como uma alternativa viável. Além disso, Fonseca (2016) indica que São Paulo é um dos mais importantes centros financeiros do mundo, o que atrai grandes investidores e empresas para o Estado, e com isso atrai startups e a demanda de maior número de aceleradoras e demais habitats. Hochberg (2015) informa que estas questões são cruciais para a presença de aceleradoras. A disponibilidade de financiamento (recursos) define a aglomeração destes empreendimentos, o que pode ser entendido das concentrações estarem de forma principal em São Paulo.

Em contrapartida, Hochberg (2015) discute que as aceleradoras podem emergir em diferentes regiões e em diferentes anos, muitas vezes por razões exógenas à natureza do ecossistema presente ou precisamente por sua falta. No caso do Brasil, Flôr et al. (2016) indicam que os ambientes mais propícios para a inovação e o empreendedorismo são aqueles onde há presença de aceleradoras.

Em âmbito global, os Estados Unidos e Canadá apresentam os maiores investimentos de aceleradoras, com US\$ 90.295.774,00 seguidos da Europa (US\$ 41.007.000,00), América Latina (US\$ 31.563.841,00) e Ásia e Oceania (US\$ 16.842.427,00). Considerando os 10 principais países com investimentos em aceleradoras cita-se: Estados

Unidos, Chile, Inglaterra, Israel, Canadá, Austrália, Brasil, Dinamarca, Espanha, Uruguai (GLOBAL ACCELERATOR REPORT-2015, 2016). Entretanto, em termos

de número de startups aceleradas os Estados Unidos lidera o ranking. A Figura 2 ilustra o ranking dos países conforme investimentos e startups aceleradas.

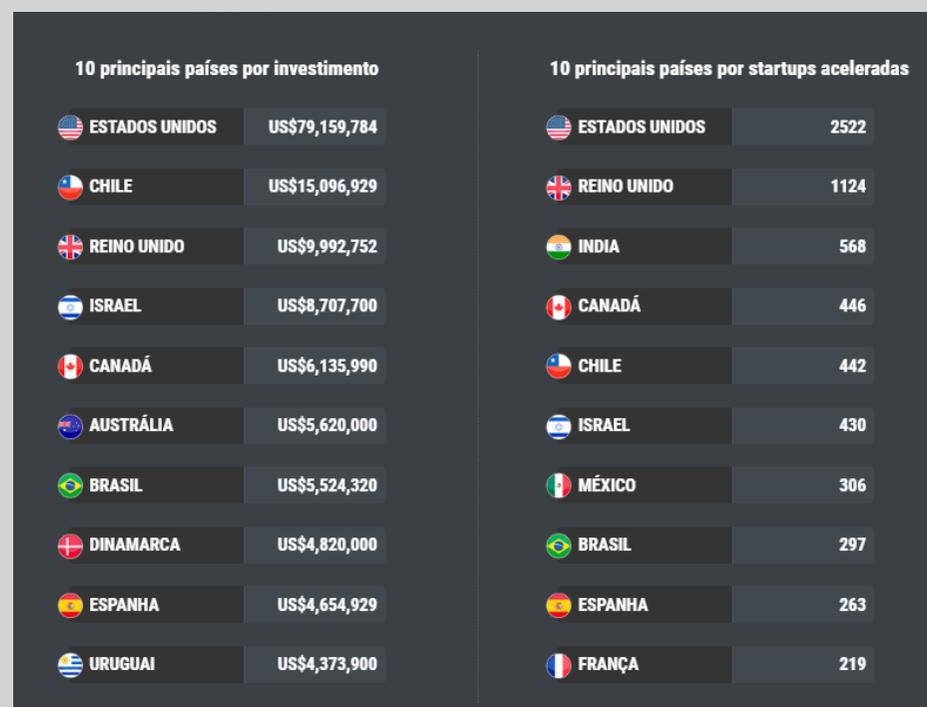


Figura 2 – Ranking dos países conforme investimentos e startups aceleradas. Fonte: Global Accelerator Report-2015 (2016). Disponível em: <<http://gust.com/global-accelerator-report-2015/>>

As aceleradoras brasileiras atuam com negócios escaláveis e inovadores em diversas áreas, como por exemplo, automação, energia, microeletrônica, modelagem computacional, software, realidade virtual, agronegócio, saúde, impacto ambiental, marketing, finanças, legal, entre outros (FLÔR et al., 2016). Hochberg (2015) considera que as acelerações iniciais apresentam

principalmente atenção para startups de produção de software, serviços e aplicativos, porém já é possível perceber a atuação de startups em ciências da vida.

Há também, aceleradoras que possuem negócios de impacto social como segmento. O termo 'Negócios de Impacto Social' surgiu com Muhammad Yunus, ganhador do Prêmio Nobel da

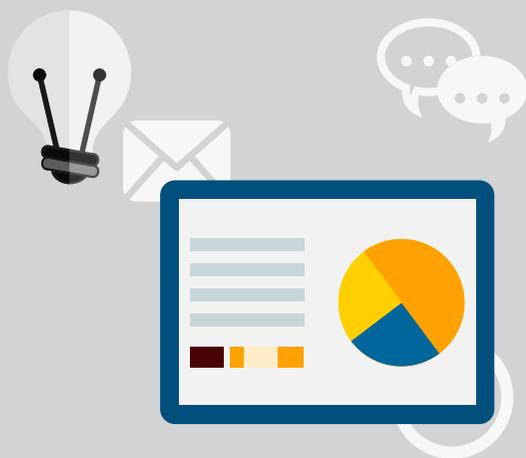
Paz em 2006, que se difere dos demais negócios pelo motivo de enquanto as empresas atuam com o objetivo de gerar receita sempre impulsionada pelo lucro e criação de valor para o acionista; os negócios sociais funcionam para o benefício e atendimento das necessidades sociais para todas as partes interessadas (PETRINI, SCHERER; Back, 2016).



Autores como Lerner (2009) indica que nos Estados Unidos alguns programas de apoio ao empreendedorismo não produziram retornos significativos. No Brasil, os programas de aceleração ainda não podem ser medidos seja pelo pouco tempo de existência dos mesmos, ou seja, pela falta de informações geradas pelas organizações responsáveis (FLÔR et al., 2016).

Neste movimento, os governos têm papéis importantes e incentivam cada vez mais a adoção dos modelos de aceleração. O Global Accelerator Report-2015 (2016) fez uma contextualização sobre os fundos que amparam as aceleradoras mundiais e estes podem ser considerados como mistos, privados e públicos. Além disso, segundo dados do mesmo relatório

pode-se observar que uma proporção significativa de aceleradores não tem fins lucrativos. O Oriente Médio é a única região com uma maior participação de aceleradores sem fins lucrativos em relação as aceleradores com fins lucrativos. O relatório alerta ainda que aceleradores sem fins lucrativos geralmente não levam a equidade.



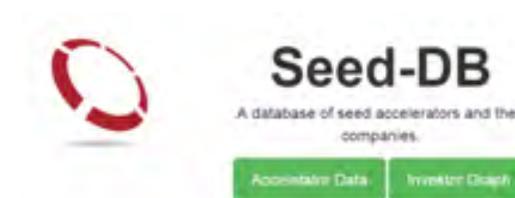
O Global Accelerator Report-2015 (2016) mostrou que dos países da América Latina o Brasil investiu US\$ 5.524,320,00 ficando atrás do Chile que investiu US\$ 15.096,929,00. Além disso, o país aparece como tendo o maior número de programas de aceleração (26), mas com 297 startups aceleradas em comparação com Chile que tem 442 e México com 306 startups aceleradas. Entretanto, segundo o mesmo relatório as aceleradoras são difíceis de serem rentabilizadas a curto prazo (até 12 meses) uma vez que as ideias em fase inicial geralmente requerem muitos anos para assim retornar os investimentos aos acionistas investidores.

Hochberg (2015) considera o fato de não se ter estudos e dados que indiquem as

diferenças entre startups aceleradas e não aceleradas. A falta desses dados acaba prejudicando a tomada de decisão e gestores que podem desejar apoiar, incentivar ou ainda investir nos processos de aceleração. Em contrapartida Cohen e Hochberg (2014) e Hochberg (2015) contextualizam alguns pontos importantes de análise: i) a maioria dos aceleradores são organizações pequenas, com pessoal limitado e pouco rastreamento de dados organizados; ii) muitas aceleradoras não disponibilizam seus dados em uma comunicação pública, por razões competitivas; iii) muitos dados disponibilizados são suposições; iv) muitos dados são difíceis de serem coletados dada a natureza da fase inicial das empresas aceleradas; v) há di-

ficiência em capturar corretamente os efeitos realizados pela aceleradora que tem impacto no equilíbrio geral do ecossistema empresarial da região.

Como forma de consulta, é indicada a base *Seed-DB*¹ que apesar dos problemas de dados incompletos e alta rejeição, é o maior repositório público dos dados de aceleração e pós-aceleração. No Brasil, não há um banco de dados para a consulta das aceleradoras, sendo assim há dificuldade de se ter dados acerca dos empreendimentos brasileiros.



¹ Seed-DB. Disponível em: <http://www.seed-db.com/>. Acesso em 26 de jun de 2016

O PROCESSO DE ACELERAÇÃO

Organização que visa alavancar empresas nascentes (startups) para o seu crescimento durante um rápido período, auxiliando-as a obter novas rodadas de investimento e networking.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADÁN, C. El ABC de los parques científicos. **Seminarios de La Fundación Española de Reumatología**, v. 13, n. 3, p. 85-94, 2012. Disponível em: <<http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S1577356612000267>>

BERGEK, A.; NORRMAN, C. Incubator best practice: A framework. **Technovation**, v. 28, n. 1, p. 20-28, 2008. Disponível em: <<http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0166497207001046>>

BIRDSALL, M. et al. **Business accelerators**: The evolution of a rapidly growing industry. University of Cambridge, Cambridge (MBA Dissertation ad Judge Business School and Jesus College), 2013. Disponível em: <http://startup-accelerator.com/sites/default/files/cambridge_startup_%20accelerator_research.pdf>

BRUNEEL, J. et al. The Evolution of Business Incubators: Comparing demand and supply of business incubation services across different incubator generations. **Technovation**, v. 32, n. 2, p. 110-121, 2012. Disponível em: <<http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0166497211001659>>

BLANK, Steve; DORF, Bob. **The startup owner's manual**: the step-by-step guide for building a great company. K&Ranch, Inc. Publishers. Pescadero, Califórnia, USA, 2012.

COHEN, S. What Do Accelerators Do? Insights from Incubators and Angels. **Innovations – Accelerating Entrepreneurship**, v. 8, n. 3/4. 2013

COHEN, S. G.; HOCHBERG, Y. V. **Accelerating Startups**: The Seed Accelerator Phenomenon. 2014.

ENDEAVOR 2015. Disponível em: <<https://endeavor.org.br/indice-cidades-empreendedoras-2015/>>

FEHDER, D. C.; HOCHBERG, Y.V. Accelerators and the regional supply of venture capital investment. Available at SSRN 2518668, 2014.

FELDMAN, M.; ZOLLER, T. D. Dealmakers in place: Social capital connections in regional entrepreneurial economies. **Regional Studies**, v. 46, n. 1, p. 23-37, 2012.

FLÔR, C.S. et al. **As aceleradoras Brasileiras**: Levantamento para identificação do foco e atuação em prol do empreendedor, 2016

FONSECA, M. C. **O ecossistema de startups de software da cidade de São Paulo**. 2016. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/45/45134/tde-23022016-204626/en.php>>

GLOBAL STARTUP ECOSYSTEM. 2015. Disponível em: <http://www.businesslocationcenter.de/imperia/md/blc/service/download/content/the_global_startup_ecosystem_report_2015.pdf>. Acesso em: 26 de jun de 2016.

GLOBAL ACCELERATOR REPORT-2015, 2016. Disponível em: <<http://gust.com/global-accelerator-report-2015/>>. Acesso em: 26 de jun de 2016.

HOCHBERG, Y. V. **Accelerating Entrepreneurs and Ecosystems: The Seed Accelerator Model**. Rice University, MIT & NBER. 2015.

HWANG, V. W.; HOROWITT, G. **The Rainforest – The Secret to Building the Next Silicon Valley**. Regenwald Publishers, USA, 2012.

ISABELLE, D. A. Key Factors Affecting a Technology Entrepreneur's Choice of Incubator or Accelerator. **Technology Innovation Management Review**, v. 3, n. 2, p. 16, 2013.

LERNER, J. **Boulevard of broken dreams: why public efforts to boost entrepreneurship and venture capital have failed--and what to do about it**. Princeton University Press, 2009. Disponível em: < <http://migre.me/udqbs>>

LIMEIRA, T. M. V. **O papel das aceleradoras de impacto no desenvolvimento dos negócios sociais no Brasil**. Relatório de Pesquisa. São Paulo, 2014. Disponível em: < http://ice.org.br/wp-content/uploads/pdfs/O_papel_das_aceleradoras.pdf >

MIAN, S.; LAMINE, W.; FAYOLLE, A. Technology Business Incubation: An overview of the state of knowledge. **Technovation**, v. 50, p. 1-12, 2016. Disponível em: < <http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0166497216000183>>

MILLER, P.; BOUND, K. **The Startup Factories**. 2011. Disponível em: <<http://www.nesta.org.uk/library/documents/StartupFactories.pdf>>. Acesso em: 27 de junho de 2016.

PAUWELS, C. et al. Understanding a new generation incubation model: The accelerator. **Technovation**, v. 50, p. 13-24, 2016. Disponível em: <<http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0166497215000644>>

PETRINI, M.; SCHERER, P.; BACK, L. Modelo de negócio com impacto social. **Revista de Administração de Empresas**, v. 56, n. 2, p. 209-225, 2016. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/rae/article/view/60323/58594>>

RIES, Eric. **A startup enxuta**. Leya, 2011.

SANZ, L. Parques Científicos y Tecnológicos: breve visión panorámica de sus modelos y tendencias. **Anais... VIII Brazilian Seminar o Business Incubators and Science Parks**. ANPROTEC; IASP **Latin American Division General Meeting**. Brasil: Belo Horizonte; 1998.

SILVA, J. B.; VELOSO, Y. S. **Manual: Programa Multincubadora de Empresas**. Brasília. Centro de Apoio ao Desenvolvimento Tecnológico/UnB. 2013. Disponível em: <http://www.cdt.unb.br/vitrinetecnologica/arquivos/bibliotecavirtual/manuais_cdt/livro2_Multincubadora_WEB.pdf> Acesso em: 15 de maio de 2016.

SEBRAE. Slide Share. - **A comunidade de startups catarinense**. 2014. Disponível em: <<http://pt.slideshare.net/alexsouzanet/a-comunidade-de-startups>>. Acesso em 26 de jun de 2016.

SEED-DB. Disponível em: <<http://www.seed-db.com/>>. Acesso em 26 de jun de 2016.

TEIXEIRA, C. S. et al. **Benchmarking de habitats de inovação: Brasil**. 2015. 190p.

Realização



Apoio

